

Pouca coisa acontece em nosso ritmo e tempo, e quase nada está sob nosso controle. Essa realidade frequentemente nos leva às salas de espera da vida. Lisânias Moura nos conduz à compreensão de que esses momentos fazem parte de nossa caminhada com Deus, o que permite que entendamos os propósitos que o Senhor tem para nossa vida. Este livro certamente é uma reflexão importante na era do instantâneo e da impaciência.

ANALICE FERNANDES

Deputada estadual em São Paulo (SP)

Ao ler este livro de Lisânias Moura, fui levado à minha verdadeira história pela cativante narrativa, que mescla histórias bíblicas e relatos atuais. A leitura trouxe-me consolo e respostas sobre temas tão complexos como soberania de Deus *versus* responsabilidade humana e bondade de Deus *versus* grandes aflições da vida. Ao percorrer as páginas a seguir, fui inspirado a participar da história maior, que foi escrita com o sangue do Cordeiro de Deus! Este é um excelente livro para o crescimento espiritual!

ANTONIO SÁVIO BARROS SIMÕES

Pastor sênior da Igreja Presbiteriana das Graças,  
em Recife (PE), e professor

O escritor cristão C. S. Lewis disse que o sofrimento é o megafone de Deus. Num tempo em que a cultura predominante é a do “alívio imediato”, será que não desprezamos a voz divina em nossa vida ao procurar um escape da “sala de espera” antes de escutar o Senhor e de aprofundar nosso relacionamento com ele? Leia este livro, vale a pena.

FELIPE AFLALO

Arquiteto, diretor proprietário da empresa Aflalo & Gasparini  
Arquitetos Associados, São Paulo

A capacidade de esperar diferencia a infância da maturidade. Crianças, via de regra, não sabem esperar. Neste livro, o pastor Lisânias Moura nos ensina que Deus não é mero espectador desinteressado dos assuntos dos homens. Tudo está diante dos olhos e debaixo das mãos de um Deus gracioso e soberano. Não poucas vezes, o Senhor nos leva para a “sala de espera”, pois é exatamente ali que nosso caráter e nossa fé são fortalecidos.

GILDÁSIO JESUS BARBOSA DOS REIS

Ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, escritor, conferencista e capelão na Universidade Presbiteriana Mackenzie

Consolador! Entusiasmante! Foi um bálsamo para minha alma a leitura deste livro, que faz uma exposição bíblica, profunda, contemporânea e prática do livro de Habacuque. Esta obra oferece palavras de graça e esperança para corações que passam dias de dor e perplexidade. Recomendo com alegria! Parabéns ao autor!

JEREMIAS PEREIRA DA SILVA

Escritor, conferencista e pastor da Oitava Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte (MG)

Este livro nos ajuda a compreender a soberania amorosa de Deus, por meio de histórias reais, à luz do livro de Habacuque. O texto tem a capacidade de enriquecer sobremaneira nossa visão a respeito da ação de Deus diante das turbulências da vida. Ele também nos ajuda a conhecer mais de nosso Senhor e nos dá instrumentos preciosos para vencer os sofrimentos que nos afligem. Recomendo fortemente a leitura deste livro, com a convicção de que as verdades que ele contém farão diferença na vida dos leitores que amam a Deus.

MAURICIO GATTAZ

Médico clínico e professor na Universidade de São Paulo (USP)

Lisânias Moura tem um estilo único e tocante. Quando ouvimos suas mensagens ou lemos seus textos é como se pudéssemos ver Deus tanger as cordas tensas da nossa alma no ritmo do texto bíblico, produzindo uma melodia que se harmoniza com as tensões de sua própria alma. Este livro é um exemplo notável desse estilo peculiar. Os testemunhos que relata, aplicados com profundidade escriturística, levam nossa própria alma a ser tocada pelo Onipotente.

PASCHOAL PIRAGINE

Teólogo, escritor, conferencista e pastor da  
Primeira Igreja Batista de Curitiba (PR)

Com experiência pastoral profunda e transparência pessoal incomum, Lisânias Moura compartilha conselhos sábios do livro bíblico de Habacuque para ajudar todos os que estamos na sala de espera de Deus. Ainda que não o vejamos, o Senhor está conosco para prover satisfação, sossego, paz e esperança.

ROY B. COOPER,

Global Mobilization, International Mission Board

Este é um livro instigante, profundo e atual, redigido num estilo que torna a leitura muito agradável. Tenho certeza de que será grande bênção! Tratar de um assunto como a soberania de Deus é para poucos e, por isso, parablenizo o autor. Este é um livro de confronto, ousado e contemporâneo. Descubra como descansar na soberania de Deus em meio às lutas do dia a dia. Você não será o mesmo depois de ler esta obra até o fim.

VAZ DE LIMA

Ministro da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e  
ex-presidente da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo



# A SALA DE ESPERA DE DEUS

O caminho do desespero para a esperança

---

LISÂNIAS MOURA

  
mundocristão

Copyright © 2019 por Lisânias Moura  
Publicado por Editora Mundo Cristão

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Editora Mundo Cristão, salvo indicação específica. Usado com permissão da Tyndale House Publishers, Inc. Eventuais destaques nos textos bíblicos e citações em geral referem-se a grifos do autor.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

*CIP-Brasil. Catalogação na publicação  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ*

M887s

Moura, Lisânias

A sala de espera de Deus : o caminho do desespero para a esperança / Lisânias Moura. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2019.

128 p.

ISBN 978-85-433-0456-4

1. Esperança - Aspectos religiosos - Cristianismo.  
2. Sofrimento - Meditação. 3. Fé. I. Título.

19-57578

CDD: 234.2  
CDU: 27-423.79

*Categoria:* Inspiração  
1ª edição: agosto de 2019

*Edição*  
Maurício Zágari  
*Revisão*  
Natália Custódio  
*Produção e diagramação*  
Felipe Marques  
*Colaboração*  
Ana Paz

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:  
Editora Mundo Cristão  
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69  
São Paulo, SP, Brasil  
CEP 04810-020  
Telefone: (11) 2127-4147  
[www.mundocristao.com.br](http://www.mundocristao.com.br)

A Teca, minha fiel companheira nas salas  
de espera da vida. A Deus, por ter-me dado  
Teca como esposa.



# Sumário

<i>Agradecimentos</i>	11
<i>Prefácio</i>	13
<i>Introdução —No caminho da sala de espera</i>	15
1. Na sala de espera com um Deus silencioso	22
2. Na sala de espera com um Deus soberano	45
3. Solitários, mas com Deus na sala de espera	63
4. O mundo fora da sala de espera	82
5. Alegres em Deus na sala de espera	96
<i>Conclusão</i>	114
<i>Notas</i>	122
<i>Referências bibliográficas</i>	125
<i>Sobre o autor</i>	127



## Agradecimentos

À minha amada igreja, a Igreja Batista do Morumbi. Nos 26 anos de caminhada juntos, seu carinho e o acolhimento a mim e à minha família têm sido uma fonte de encorajamento para nossos momentos em salas de espera.

Aos meus dois filhos, Daniel e Rafael, que fazem parte singular das nossas salas de espera, de forma amorosa, paciente e significativa.

A cada família da nossa igreja, que tem repartido conosco seus dilemas, suas dores e alegrias. Somos encorajados e aprendemos junto com vocês a confiar em Deus nos longos tempos de silêncio e espera.

Ao Maurício Zágari, editor da Editora Mundo Cristão. Obrigado por estar junto, me encorajando, dando *feedbacks*, melhorando os textos do começo ao fim de cada projeto e me ajudando a crescer e escrever melhor.



## Prefácio

Foi na sala de espera de um hospital, acompanhando minha esposa em um exame médico, que uma menina de 5 anos me chamou de “vovô”. Ela me pegou de surpresa: eu tinha 49 anos e três filhos adolescentes. Hoje, perto dos 70 anos e avô de dois netos, sei que aquela cena congelou uma obviedade: idade é relativa.

Vivi duas contradições naquele período: a menina achar que eu tinha cara de avô e minha esposa falecer de câncer no ano seguinte, aos 46 anos. Para mim, foram contradições porque eu não me enxergava avô nem imaginava perder minha esposa tão cedo. As salas de espera — e nossa vida é cheia delas — são espaços que colocam em xeque nossas expectativas e crenças. São locais de surpresas, tanto boas quanto más.

Conheci Lisânias no seminário. Frequentamos as mesmas classes e estudamos com os mesmos professores. Como presbiterianos de origem, havíamos crescido à sombra da doutrina da soberania de Deus. As aulas no seminário só confirmaram nossa fé naquele a quem Jó declarou: “Sei que podes fazer todas as coisas, e ninguém pode frustrar teus planos” (Jó 42.2). Quase três décadas mais tarde, nossos caminhos de serviço no reino de Deus se encontraram na equipe pastoral da Igreja Batista do Morumbi. Ali, partilhamos alegrias e fardos do pastorado. Às vezes nos encontrávamos na mesma “sala de espera”. Ora era ele, ora eu quem estava em busca de entender “até quando” e “por quê”.

Neste livro, Lisânias propõe uma leitura expositiva de Habacuque, ilustrada por casos de pessoas reais que viveram, nos dias atuais, situações concretas de crise e perplexidade. Gente cuja fé no Deus soberano esteve à beira de ruir ou precisou de um novo alicerce.

Em tempos em que se vende felicidade barata em nome de Deus, é refrescante encontrar ensino que nos ajude a descobrir quais crenças precisam ser desmontadas e quais devem ser edificadas em nosso espírito. Que o autor é comprovadamente douto nesse mister atestam longos anos de mensagens e aconselhamentos, que são o amálgama de ensino bíblico e exemplos genuínos da sua vida pessoal.

Lisânias tem profunda compreensão da fragilidade da alma humana e é capaz de falar a ela com compaixão e autoridade bíblica. O resultado? Gente que aprendeu a viver com esperança e na dependência da graça de Deus. Se você estiver agora em uma “sala de espera”, ou um dia entrar em uma, oro que lá encontre lugares mais altos no seu relacionamento com Deus.

A leitura deste livro lhe dará coragem para continuar e servir de guia a esse encontro.

PAULO MOREIRA FILHO

Teólogo, pastor, conferencista e mentor de pastores

## INTRODUÇÃO

# No caminho da sala de espera

Uma sala de espera pode tornar-se um dos lugares mais solitários do mundo, apesar de, nelas, estarmos cercados por muitas pessoas. Pode ser a sala de espera de um hospital, a de uma empresa aonde fomos para uma entrevista de trabalho, ou mesmo a de um restaurante. Não importa o tipo, fato é que estar em uma sala de espera nos deixa desconfortáveis, já que esperar não é agradável. O tempo que levamos em uma sala de espera pode ser curto ou longo, triste ou alegre, cheio de ansiedade ou sereno... seja como for, nem sempre experimentamos virtudes como paciência, paz, sabedoria e confiança enquanto somos obrigados a aguardar por algo que almejamos.

Surge, então, a pergunta: como sobreviver em uma sala de espera?

Pedro e Dora viram o filho dar entrada em um hospital após sofrer uma grave convulsão. João Carlos criou um aplicativo junto com dois colegas, mas foi traído por um investidor supostamente cristão, que se apossou de sua ideia. Joás e Celina esperaram mais de cinco anos para se casar, guardaram-se sexualmente um para outro e, depois de três anos de matrimônio, ele a deixou para viver uma relação homoafetiva. Joubert sofreu um acidente de carro quando se dirigia ao seminário teológico, onde estudaria para dedicar-se a pregar o evangelho no campo missionário.

Pedro, Dora, João Carlos, Joás, Celina e Joubert viveram algo em comum: em todas essas circunstâncias, foram

encorajados a orar e ouviram de vários amigos coisas como: “Deus tem um plano maravilhoso para a sua vida”; “Não desanimem, apenas orem e confiem, pois Deus é soberano” e “Deus escreve certo por linhas tortas”. Como entender que o Senhor muitas vezes nos deixa numa longa espera, em uma sala fria, solitária e na qual parece que o tempo parou? Será que Deus é realmente soberano e tem o controle de todos os acontecimentos? Será que Deus é realmente bom?

Os relatos que menciono neste livro são reais, fatos que ouvi no gabinete pastoral, embora os nomes tenham sido alterados. Mas não conheço a sala de espera de Deus apenas de ouvir falar. Já experimentei os calafrios que muitas vezes ela provoca, como quando, no quinto mês de gravidez do nosso segundo filho, o ginecologista avisou a mim e à minha esposa, Teca, que provavelmente nosso bebê morreria durante o parto. Pior: nas palavras do médico, “ambos podem morrer durante o procedimento”. Foram, inicialmente, cinco meses em

**A pergunta é: como sobreviver na sala de espera quando as notícias não são nada boas? Como esperar uma resposta de Deus quando oramos e parece que estamos falando com alguém surdo?**

uma sala de espera sombria, enfrentando algo para o qual não estávamos preparados.

A pergunta é: como sobreviver na sala de espera quando as notícias não são nada boas? Como esperar uma resposta de Deus quando oramos e parece que estamos falando

com alguém surdo? Ou como viver numa sala de espera quando escutamos a todo tempo: “Orem e tudo dará certo”... mas o “certo” nunca acontece? Onde está Deus em meio a tudo isso?

Enquanto estamos na sala de espera, parece que o relógio não funciona, a porta não abre e as pessoas ao redor não

entendem nossa dor. Muitas vezes, quem se aproxima até tenta nos encorajar, mas suas palavras revelam apenas chavões que não geram fé, como “Vai dar tudo certo”, “Deus está no controle” ou “Deus sabe todas as coisas”. Sim, sabemos que muitas vezes as coisas darão certo, que o Senhor está no controle de tudo e que ele é onisciente. Mas como e quanto esperar até que aquilo que vivemos na sala de espera venha a fazer algum sentido?

O profeta Habacuque<sup>1</sup> viveu uma experiência marcante em uma sala de espera. Sob o governo do rei Josias, ele viu o reino de Judá prosperar, um pequeno avivamento acontecer e, por fim, o colapso da nação ocorrer. Josias realizou reformas espirituais, sociais e políticas, desencadeou um avivamento temporário na nação e ficou conhecido como um grande reformador. Jeoacaz, filho de Josias, assumiu o trono e andou completamente fora dos caminhos do Senhor, seguindo a trilha de pecados de seus antepassados. E isso estava assolando a alma de Habacuque.

No texto do livro que carrega seu nome, Habacuque expressa sua angústia. Como habitante de uma nação que deveria ser um sinal da presença de Deus para o mundo, o profeta se angustiava por ver o povo se afastar cada dia mais do Senhor. Por isso, a religião encapada com imoralidade e corrupção veio a transformar-se na cultura do seu povo. Com o tempo, tornou-se concreto e duramente visível o esfriamento espiritual da população de Judá, que trocou o Deus da aliança pelos falsos deuses dos povos vizinhos.

Violência, enfraquecimento da justiça, impunidade dos líderes e o triunfo do ímpio sobre quem desejava agradar a Deus compunham o retrato da nação para a qual Habacuque deveria profetizar em nome de Deus. Mas a dor ao ver esse

cenário fez o profeta inverter a comunicação. Ele passou a ser um interlocutor de Deus e não tanto um porta-voz do Senhor para seu povo.

Nesse processo de falar com Deus sobre si mesmo e sobre o que ele via, o profeta ansiava por respostas e por melhorias na vida da nação do pacto. Mas, ao contrário de suas expectativas, viu apenas o desmoronamento de Judá. Na tentativa de lidar com esse cenário, Habacuque dirigiu a Deus perguntas do mais profundo de sua alma, mas Deus parecia não ouvi-lo.

No entanto, o fato de Habacuque ter falado mais do povo a Deus do que de Deus ao povo não diminui a importância da mensagem do profeta. Nem, tampouco, põe em dúvida a inspiração de seu livro. A verdade é que ele traduz para hoje alguns dos mais profundos anseios do ser humano, entre os quais o de entender Deus quando os caminhos divinos não fazem sentido para a mente humana. É por isso que o livro de Habacuque é tão crucial para nossos dias. Escrito há mais de 25 séculos, ele contém a revelação de Deus que nos sustenta e nos faz rumar do desespero à esperança.

Pessoas, famílias e igrejas muitas vezes se encontram no meio de um caos inesperado. Pode ser o caos, por exemplo, de um divórcio, uma doença incurável, uma carreira abruptamente destruída, uma falência financeira ou uma divisão na congregação. Orar é a primeira sugestão de ação. Mas, muitas vezes, a oração parece não chegar a Deus, e esperar nele torna-se uma experiência delicada. Há ocasiões em que as respostas divinas não fazem nenhum sentido. Frequentemente, parece que Deus nos coloca numa sala de espera solitária, dolorida e escura, cujas paredes são decoradas com perguntas sem respostas.

A verdade é que sentar na sala de espera é uma experiência que pode gerar um coração duro ou cheio de fé. Nela

encontramos um Deus que nunca encontraríamos numa sala repleta de luzes, pessoas agradáveis e muita festa. Ao aplicar os escritos do profeta Habacuque à cultura de hoje, descobrimos que Deus se relaciona pessoalmente com seus filhos e os leva do desespero à esperança, mesmo quando a estada na sala de espera parece insana ou demorada. Invaso por agonia e medo, o profeta se recolhe a uma torre, uma

**Vemos que não só é possível encontrar Deus no meio do desespero como ele jamais nos abandona nesses momentos.**

sala de espera, e nos desafia a fazer o mesmo crentes de que Deus está conosco, mesmo no longo passar das horas. Vemos que não só é possível encontrar Deus no meio do desespero como ele jamais nos abandona nesses momentos. Embora ele possa parecer silencioso, na realidade está sempre ativo, pois o Deus de Israel não dorme. Habacuque viveu ali sem se desesperar, tendo de lidar com perguntas sem respostas aparentes, e com sobriedade, apesar da solidão e dos muitos temores.

Habacuque, Pedro, Dora, João Carlos, Joás, Celina, Joubert, eu e você temos algo em comum: todos fazemos perguntas quando temos de lidar com quedas e quando vislumbramos caminhos que às vezes parecem pedregosos e difíceis. Como sobreviver num mundo que vai de mal a pior, onde o mal parece vencer o bem, o corrupto e o injusto riem de Deus e o Senhor parece silencioso?

Nos meses entre a conversa com o ginecologista e o dia em que nosso filho nasceu, eu e minha esposa olhamos muitas vezes para o relógio da sala de espera com medo do movimento dos ponteiros. Afinal, cada hora percorrida nos aproximava do momento em que saberíamos se o predito pelo médico se cumpriria ou não. Ora tínhamos confiança, ora éramos

tomados pela ansiedade. E se o bebê morresse? Dentro de minha alma havia ainda outra pergunta, que eu evitava expor em voz alta: “E se minha esposa morrer?”. E sempre éramos confrontados pela pergunta: “O que queremos de fato? Alívio ou a glória de Deus?”.

Houve um tempo na história da humanidade em que se pensou que as coisas melhorariam. O progresso da ciência e as relações internacionais pareciam melhorar. As grandes descobertas tecnológicas propunham um estilo de vida mais saudável, seguro e produtivo. O uso proposto de computadores e *smartphones* aparentemente prometia uma vida com menos estresse e menos horas trabalhadas, visando ao benefício do ser humano e à multiplicação do tempo para a convivência familiar e o lazer. Mas o quadro se revelou bem diferente do cenário sonhado, com famílias desfeitas, aumento da solidão, do individualismo e da violência, e a proliferação da desesperança, da ansiedade e do desespero. A humanidade segue cambaleando entre a esperança e o horror. Ansiamos por respostas e caminhos que possam nos levar da ansiedade à paz, do medo à segurança, do desespero à esperança.

Seria possível para Pedro, Dora, João Carlos, Joás, Celina, Joubert, para mim e você viver de forma sadia em um mundo marcado por tantos males? Seria possível ver as coisas piorarem no mundo e, às vezes, em nossa vida e mesmo assim não perder o foco em Deus, continuar a crer que ele é bom e não mudar nossa teologia para um triunfalismo que foge de dores e insucessos porque não queremos sofrer?

Neste livro, desejo apresentar a mensagem de Habacuque para dizer que existe esperança nas salas de espera da vida. Olhar para Deus no meio do desespero foi o que fez o profeta dizer no fim do livro: “O SENHOR Soberano é a minha força! Ele

torna meus pés firmes como os da corça, para que eu possa andar em lugares altos” (Hc 3.19). Mas como ele viveu entre o momento em que disse “Até quando, SENHOR, terei de pedir socorro? Tu, porém, não ouves” (1.2) e o instante em que afirmou “mesmo assim me alegrarei no SENHOR; exultarei no Deus de minha salvação!” (3.18)?

Habacuque descobriu que, nas salas de espera da vida, onde habitam o medo e a ansiedade, Deus, e somente Deus, poderia levá-lo do desespero à esperança. O desespero tampouco precisa ser a nossa marca, embora o experimentemos, pois o mesmo Deus que Habacuque ouviu escuta a mim e a você.

Eu o convido a aprender com Habacuque sobre como Deus vem a nós em momentos solitários e como é suficientemente poderoso para mudar nossa história. Meu desejo é que você se encontre com o mesmo Deus que o profeta encontrou, pois o Senhor tem o poder de transformar caos em graça e amor.

E, nessa jornada, não se esqueça: enquanto você está na angústia da sala de espera, Deus não o deixou só. Mesmo que o silêncio seja longo, mesmo que o Senhor pareça ter abandonado você, ele o está conduzindo do desespero à esperança.

# 1

## Na sala de espera com um Deus silencioso

### **Será que ele responde mesmo nossas orações?**

Às cinco e meia da manhã, é normal um bebê estar dormindo. Dora já estava se preparando para levantar, a fim de dar o primeiro *mamá* do dia a Teodoro, quando ela ouviu um barulho estranho vindo do quarto do filho, como se ele estivesse engasgado. Ela correu para ver o que estava acontecendo e encontrou o bebê se contorcendo em convulsões. Dora gritou por Pedro, seu marido, que se levantou às pressas, tirou o bebê do berço e, sem saber o que fazer, simplesmente soltou um clamor: “Deus, tem misericórdia de nós!”.

As convulsões duraram cerca de vinte segundos desde que Teodoro foi arrancado do berço, mas, para Pedro e Dora, era como se houvessem se arrastado por horas. O bebê parecia desacordado, e o casal disparou para o hospital. Como pais de primeira viagem, estavam atônitos, inseguros e desesperados. Entre a casa e o hospital, foram cerca de quinze minutos, mas pareceram quinze horas.

Ao entrarem no pronto-socorro, totalmente tomados pela ansiedade, quase gritando, pediram ajuda e uma enfermeira, que tomou o bebê no colo, disse em tom assertivo: “Vão à sala de espera. Daqui a pouco falo com vocês”. A sala estava vazia, com cadeiras desarrumadas, como se houvesse sido usada por uma multidão horas antes. O relógio na parede estava com o

vidro quebrado. Perto havia uma porta, com os dizeres: *Proibida a entrada*. Pedro e Dora sabiam que por aquela porta alguém viria dar-lhes notícias de Teodoro.

Enquanto esperavam, perguntas começaram a se multiplicar na mente dos dois, como: “O que aconteceu?”, “Por quê?” e “Vai demorar para ter notícias de nosso filho?”. Dora lembrava a história de Teodoro. Ela tivera problemas para conceber e, depois de quatro anos tentando, finalmente engravidou, certa de que fora um milagre de Deus — afinal, seu ginecologista lhe havia dito: “Só um milagre”. Durante a gravidez, o bebê quase morreria, mas toda a igreja orou com o casal e ele sobreviveu.

O tempo passava e nada de a porta se abrir. O silêncio e a solidão da sala de espera pareciam contribuir para o estado de ansiedade do casal, para não dizer de desespero. Os dois oravam, mas Deus parecia distante e silencioso. Eles clamavam, mas parecia que ninguém os ouvia. E agora? Onde estava Deus? E por que aquela porta, com os dizeres *Proibida a entrada*, não se abria com boas notícias a respeito do Teodoro? Parecia a entrada de uma fortaleza, fria, pesada e imóvel. “Até quando teremos de esperar?”, Dora perguntava a Pedro.

Habacuque também lidou com uma situação desesperadora, que ele nunca imaginara ter de enfrentar. O profeta sabia que servia ao único Deus e que fazia parte do povo escolhido. Essa condição possivelmente lhe dava a sensação de estar debaixo de proteção, por crer que nada de mal poderia acontecer ao povo dileto de Deus. Mas a situação o surpreendeu. Ao falar de si mesmo, Habacuque não escondeu as insatisfações, a ansiedade e o desespero com o estado da nação e a aparente distância de Deus.

Será que nós mesmos não nos encontramos muitas vezes em situações equivalentes? Somos alcançados pela graça salvadora

de Deus, caminhamos com Cristo por anos e, mesmo conhecendo sua pessoa, seu poder e sua graça, somos pegos em situações inimagináveis. Somos atingidos por uma catástrofe e nos sentimos totalmente impotentes e soterrados por dúvidas.

Habacuque expôs seu desespero a Deus. Muitas vezes, nosso desespero é fruto da incapacidade de entender as ações de Deus. Para um judeu, receber castigo divino por meio de um povo idólatra, violento e imoral era algo profundamente humilhante. Ainda mais porque, como profeta, Habacuque conhecia Deuteronômio 28.15-68, em que Deus deixa claro

Muitas vezes, nosso  
desespero é fruto da  
incapacidade de entender  
as ações de Deus.

que obediência traz bênçãos e desobediência, disciplina. Ele sabia que o Senhor cumpre o que promete, não apenas as promessas de bênçãos, mas

também as disciplinares e por isso experimentou uma sensação de desespero e impotência, agravada pela frieza espiritual de Judá e pela vida imoral dos líderes da nação.

Com certeza, a invasão babilônica traria o caos para Judá, em diversas áreas. A nação teria a economia profundamente afetada, sua liderança seria humilhada e o povo, levado como escravo. O que Habacuque poderia fazer nessa situação? Embora fosse profeta, também estava sujeito, como nós, a todos temores e inseguranças presentes em situações sobre as quais não temos controle ou que não compreendemos.

A emoção de Habacuque veio à tona e transparece em sua atitude ao se dirigir ao Senhor. A primeira expressão emocional de Habacuque é marcada por sua crença de estar falando com um Deus silencioso, que não ouve nem age em favor de seu servo. Pedro e Dora experimentaram a mesma sensação naquela sala de espera. Eles oravam, conversavam, clamavam,

olhavam o relógio e... nada. Deus parecia não ser o mesmo que conheceram anos antes, por meio da fé em Jesus.

### Quando Deus fica em silêncio

Habacuque cobra de Deus: “Até quando, SENHOR, terei de pedir socorro? Tu, porém, não ouves. Clamo: ‘Há violência por toda parte!’, mas tu não vens salvar” (1.2). Em outras palavras, era como se o profeta estivesse dizendo: “Senhor, por que estás silencioso?”.

É muito difícil quando, sob pressão ou no meio de uma catástrofe, corremos para o Senhor e nos sentimos desconectados dele. A sensação é a de estar diante de um Deus mudo, surdo e distante.

Não foi só Habacuque que experimentou a frieza de uma sala de espera. Hemã, o autor do salmo 88, também passou por momentos semelhantes: “Ó SENHOR, Deus de minha salvação, clamo a ti de dia, venho a ti de noite. Agora, ouve minha oração; escuta meu clamor. Pois minha vida está cheia de problemas, e a morte se aproxima” (Sl 88.1-3). Hemã expressa seu lamento em tom desesperador. Perceba como a situação interior dele se assemelha à de Habacuque: “A ti, SENHOR, eu clamo; dia após dia, continuarei a suplicar. Ó SENHOR, por que me rejeitas? Por que escondes de mim o rosto?” (Sl 88.13-14).

Assim como o profeta de Judá, o salmista enfrentava um momento de dor e uma sensação de abandono, inclusive da parte de Deus. Mas, a exemplo de Habacuque, ele decide não permitir que seus sentimentos o paralisem. Antes, decide agir e corre para Deus. No mais profundo de sua angústia, tanto o

profeta como o salmista clamam ao Senhor e derramam o que fervilha em seu peito.

Quando o profeta diz: “Até quando...”,<sup>1</sup> pressupõe-se que, havia algum tempo, ele vinha pedindo socorro a Deus para entender a situação, ou mesmo sua intervenção, sem que o Todo-poderoso atendesse ao seu clamor. No texto bíblico, o verbo clamar<sup>2</sup> revela a expectativa de que o Senhor aja e intervenha. Mas, da perspectiva do profeta, Deus estava frio e distante. A questão nem era tanto o silêncio de Deus, mas o fato de que ele parecia inerte. As coisas estavam estagnadas, como o profeta mesmo considerou: “A lei está amortecida, e não se faz justiça nos tribunais” (Hc 1.4).<sup>3</sup>

A ansiedade do profeta se devia ao fato de ele não ver a aplicação da Lei e considerar que Deus, aparentemente, estava acomodado com a situação. A demora do Senhor em agir e as orações não respondidas estão presentes na experiência de muitos que se ajoelham ao lado da cama de um ente querido doente, à espera de uma cura que demora a chegar e, talvez, nem chegue. É a experiência de um seguidor de Jesus desempregado, que acumula boletos vencidos e há muito tempo ora pelo doce som de um telefonema chamando para uma entrevista de trabalho. É também a experiência de um pai que pede pela sanidade de um filho cada vez mais dependente de drogas, sem que Deus aparentemente intervenha.

O fato é que todos nós, queiramos ou não, passamos, estamos passando ou passaremos por dias nos quais Deus parecerá silencioso. Dias de desânimo e demora, que geram ansiedade e, até, desespero. Então, como lidar com esses períodos?

A misericórdia, a graça e o amor fazem parte do caráter de Deus, assim como sua fidelidade. E, justamente por conhecê-lo, não podemos jamais interpretar seu silêncio como

inatividade, mas em vez disso descansar e esperar. No tempo de aparente silêncio, Deus intervém em nossa caminhada e nos observa, atento. O fato é que podemos ter uma percepção errada sobre o silêncio de Deus, por não vê-lo agir claramente.

*Uma verdade que precisamos ter em mente nos dias, meses ou anos de silêncio de Deus é que, durante esse tempo, o Senhor está transformando nossa vida.* O tempo nas salas de espera da vida é um período de transformação interior. O Pai, que nos ama com amor incompreensível, quer nos transformar — e a transformação é necessária e demorada. Deus trabalha no silêncio, porque é no silêncio que aprendemos que o Senhor transforma o desespero em esperança. E mesmo os amigos mais íntimos de Deus não estão isentos de experimentar seu silêncio. Habacuque viveu a experiência de clamar a Deus por um longo tempo, tendo o silêncio como retorno. Mas, sem que ele se desse conta, o Senhor estava lapidando nele um novo coração.

Pedro e Dora olhavam fixamente a porta da sala de espera, na expectativa de que ela se abrisse a qualquer momento com novidades. Porém, nada acontecia, nenhuma notícia chegava. Eles podiam não perceber, mas Deus estava transformando a ansiedade e o desespero deles em uma experiência da graça. O casal não via o que estava acontecendo atrás daquela porta fechada e tomado pela ansiedade e pelo medo, continuava a dizer: “Por quanto tempo, Senhor?” Mas Deus estava lá, agindo em favor de Teodoro.

Não foi somente Habacuque que descobriu Deus no meio do silêncio. Abraão teve de ficar muitos anos na sala de espera de Deus à espera do cumprimento de suas promessas. Assim também ocorreu com José, filho de Jacó. Estima-se que mais de 15 anos se passaram entre o dia em que José teve um sonho que revelava o que o Senhor faria da vida dele e o momento em

que assumiu a segunda posição mais importante no Egito. Fato é que Deus não é esquecido nem inativo. Ele poderia ter cumprido seus propósitos na vida de Abraão e José em menos tempo? Claro que sim. Ele é todo-poderoso! Mas *o silêncio de Deus se dá enquanto ele está ativo, agindo em favor de todos a quem ele ama.*

Naquele momento da vida de Habacuque, no entanto, o silêncio de Deus ao seu clamor não parecia fazer nenhum sentido. A percepção humana do profeta era da total ausência de Deus. Mas nossa percepção errônea dos processos de Deus não o faz mudar seus planos nem adiantar seu relógio, simplesmente porque não há razão para isso. O Senhor está sempre ativo, trabalhando para a própria glória e para a realização de seus propósitos, no tempo dele. E, certamente, quando sua vontade se cumpre, nós somos os beneficiados.

Quando Habacuque expressa seus sentimentos a Deus, duas questões ficam claras. Primeiro, o profeta tem uma liberdade muito singular perante o Senhor para dizer o que sente. Entenda: Deus não nos proíbe de sentir o que quer que seja. Não temos como impedir a sensação de desolação e desespero ou mesmo de que Deus está distante de nós. Mas temos como superá-la impedindo que se torne, falsamente, a realidade que nos controla.

Habacuque teve a liberdade de experimentar essas más sensações, mas não se deixou dominar por elas. O profeta compartilhou com Deus o que sentia, e isso é uma tremenda lição para nós: o Senhor não despreza nossas emoções nem se intimida ou se fere quando expressamos os sentimentos. Deus sabia que Habacuque reagiria dessa forma quando encarasse a situação da nação e que também o questionaria sobre isso. No entanto, as perguntas reais, emocionais e lógicas do profeta não o fizeram mudar seus planos. O mesmo ocorre conosco.

Deus não impediu Habacuque de trilhar aquele caminho. Ainda que o profeta desconhecesse os rumos de sua jornada, o Senhor sabia para onde desejava conduzi-lo. Isso foi muito difícil para Habacuque, como também foi para José, para Pedro e Dora e para mim e minha esposa. Por que Deus permite que passemos por momentos delicados quando ele mesmo sabe o sofrimento que enfrentaremos? Será que ele não é Pai? Será que, como Pai, ele não tem todo o poder de nos impedir de sofrer?

É justamente porque Deus é Pai que ele permite que passemos por momentos insanos a nossos olhos. Afinal, quando nos entregamos ao Senhor nesses períodos difíceis, a sala de espera se torna instrumento de aperfeiçoamento da fé. Ele quer sempre o melhor para seus filhos, por isso, como Pai, às vezes nos dá presentes aparentemente incoerentes, mesmo correndo o risco de não ser compreendido.

Podemos questionar Deus, esperar e expressar emoções de forma errada, mas nada disso abala o Senhor nem o faz desistir de nos levar aonde ele quer. Hoje, podemos nos sentir desolados ou desesperados, mas o destino a que Deus quer nos conduzir, mesmo parecendo ele silencioso ou ausente, é muito mais significativo e especial do que aquilo que enxergamos ou cogitamos.

Os pais de Teodoro não podiam atravessar a porta da sala de espera, por mais que desejassem. Os médicos não eram os pais do Teodoro, mas Pedro e Dora não tinham a *expertise* necessária para lidar com a doença do filho — além do que seria uma atitude muito prepotente. Os médicos estudaram para salvar vidas; os pais agiram como pais. Muitas vezes queremos fazer o mesmo em relação a Deus. Nossa ansiedade dá a entender que sabemos resolver as coisas melhor que ele e, por isso,

achamos que o Senhor está demorando a resolver ou agir. Mas, muitas vezes, é no silêncio e na demora que Deus prepara algo maravilhoso para nossa vida ou por meio de nossa vida.

Habacuque derramou diante de Deus tudo o que estava sentindo. Lamentou a demora do Senhor e, naturalmente, esperava uma resposta. Mas será que a resposta de Deus foi a que o profeta esperava?

### **Deus sempre responde do jeito que esperamos?**

A oração de Habacuque criava nele a expectativa da resposta de Deus. Quando oramos, também esperamos que o Senhor nos responda livrando-nos daquilo que nos atormenta. A oração sincera e tocante de Habacuque, deixando claro que ele conhecia quem Deus é e como ele agira no passado, convenceu-o de que a resposta seria rápida. Além do mais, quando oramos por causa de um problema ou porque estamos desesperados, esperamos que o Senhor intervenha de modo sobrenatural, especialmente se nos sentimos impotentes. Nosso imediatismo nos impede de ver a resposta que Deus planeja nos dar a longo prazo.

Habacuque não agiu diferentemente de nós quando travamos lutas da alma e as apresentamos ao Senhor. A frase “Deus é fiel” soa como um mantra quando estamos desesperados e esperamos uma ação divina como imaginamos ou gostaríamos. Dizer “Deus está no controle” é outra forma espiritualizada de fugir de problemas e questões para as quais não temos respostas. Tais afirmações são verdadeiras, mas não são mantras que, uma vez pronunciadas, nos livrarão automaticamente do medo ou nos farão sentir de imediato segurança e paz.

Imagino que, em seu período de seca espiritual, talvez o que Jó mais tenha ansiado foi ouvir de Deus: “Jó, vou curá-lo”.

José talvez tenha desejado a rápida intervenção de Deus em sua situação. Tanto Jó quanto José podem ter pensado que, por serem fiéis a Deus, a resposta dele logo lhes traria alívio. Ambos mal sabiam que ainda tinham lições muito preciosas para aprender na sala de espera de Deus. O caminho ainda seria longo até que se tornassem o que o Senhor desejava para eles.

Enquanto esperavam aquela porta da sala de espera ser aberta, Pedro e Dora não faziam ideia do que Deus queria produzir em sua vida. O que eles mais ansiavam era o alívio de ouvir dos médicos que o filho estava bem. De igual modo, Habacuque ansiava por uma intervenção curadora do Senhor para o seu povo e, conseqüentemente, para ele mesmo. Mas... e se Deus não nos responde como esperamos?

Às vezes, Deus responde nossas orações como esperamos; outras, não. Às vezes, as respostas de Deus são compreensíveis; outras parecem sugerir que ele não entende nossa língua. Mesmo assim, isso não significa que ele seja surdo ou ignore o que falamos. Nada disso. O Senhor apenas quer nos preparar para algo além do que podemos supor, e no tempo dele.

É o que ocorre quando Deus rompe o silêncio e diz a Habacuque que observe o que está acontecendo. Embora Habacuque não tivesse percebido, a resposta já estava sendo preparada havia certo tempo. Independentemente do caos, sempre depararemos com os toques encorajadores da graça, que nos impedem de tropeçar. Pedro e Dora tinham muitas perguntas e inquietações, mas não se davam conta de que, atrás daquela porta, estava uma equipe médica trabalhando em prol de Teodoro. Quando os discípulos sentiram medo durante a famosa tempestade no mar da Galileia, não perceberam que o simples fato de Jesus estar no barco com eles era

o sinal máximo de que Deus responderia suas orações. No meio da tempestade do caos, nunca podemos nos esquecer de que Deus permanece conosco.

Entre o final do ministério do profeta Malaquias e o nascimento de Jesus, Deus parecia estar em silêncio, quando na realidade preparava o mundo para a chegada do Messias. Naqueles cerca de 400 anos de silêncio, o mundo ganhou uma língua de alcance mundial (o grego) e isso abriu canais de comunicação para que a boa-nova de Cristo fosse entendida não somente por

**No silêncio, Deus trabalha  
e cria as circunstâncias  
necessárias para comunicar  
maravilhas da sua graça  
a nós e ao mundo.**

quem falava hebraico, mas por quase todo o mundo na região da Ásia Menor da época. Além disso, foi nesse período de silêncio que Deus elevou uma nova potência mundial,

Roma, responsável por construir estradas que seriam percorridas pelos cristãos perseguidos por propagarem o evangelho pelo mundo. Foi também por meio do império romano que Deus fez instalar a chamada *pax romana*, um ambiente político e militar que favoreceu a propagação da mensagem da cruz. No silêncio, Deus trabalha e cria as circunstâncias necessárias para comunicar maravilhas da sua graça a nós e ao mundo.

Esta foi a resposta de Deus para o profeta: “Observem as nações ao redor; olhem e admirem-se!” (Hc 1.5). Em outras palavras, era como se ele dissesse: “Veja que já estou agindo!”. A ação de Deus, segundo as próprias palavras, era digna de admiração. De fato, Deus usa um imperativo. As pessoas de Jerusalém deviam ficar admiradas, isto é, pasmas, perplexas, com o impacto da notícia.

Deus tinha também uma mensagem para o povo, perdido em meio à corrupção e à imoralidade. O Senhor deixou clara

sua contrariedade com essa situação, mas o povo, cego pelo pecado, não era capaz de enxergar as ações divinas.

Na mesma mensagem, Deus se dirige a Habacuque e, de forma inesperada, surpreendente, enigmática e chocante, diz: “Estou levantando os babilônios, um povo cruel e violento. Eles marcharão por todo o mundo e conquistarão outras terras” (1.6).<sup>4</sup> Diante disso, o profeta responde: “Ó SENHOR, meu Deus, meu Santo, tu que és eterno certamente não planejas nos exterminar! Ó SENHOR, nossa Rocha, enviaste os babilônios para nos disciplinar, como castigo por nossos pecados” (1.12).

Imagine Habacuque orando, lamentando seu estado emocional e o da nação, pedindo a Deus que interrompesse o silêncio e a resposta que ouve do Senhor é negativamente estonteante para a percepção do profeta. Era como se Habacuque e o povo tivessem pedido pão e Deus lhes desse pedra. Era como se tivessem clamado por livramento e transformação e Deus dissesse: “Vai piorar”. Na realidade, a princípio esse foi o sentido da resposta de Deus. Mas, ela também apontava para algo que seria maravilhoso para toda a humanidade.

Você já passou por uma situação semelhante? Já teve alguém doente na família, a quem você amava e por quem intercedeu incansavelmente junto a Deus, mas que acabou morrendo? A porta da sala de espera onde Pedro e Dora estavam finalmente se abriu. A esperada enfermeira saiu pela porta, mas de mãos vazias. Sem Teodoro. Ela disse: “O estado do bebê é delicado. Esperem mais um pouco e o médico virá conversar com vocês”.

Lembro bem das horas em que passei na sala de espera, enquanto minha esposa estava na sala de parto. Foram horas de ansiedade, em um silêncio mortal. Apenas eu e Deus. Eu

sentia medo, e muitas perguntas me vinham à mente. Especialmente aquela: “E se Deus não responder minhas orações?”.

A expressão de Habacuque “tu que és eterno certamente não planejas nos exterminar” pode ser entendida como afirmação ou interrogação. Vista como interrogação, é uma pergunta retórica que necessariamente não espera resposta. Mas Habacuque de fato fazia um questionamento, como se estivesse dizendo: “Como o Senhor, sendo eterno, resolve usar os imorais, violentos, corruptos e rancorosos babilônios contra nós?”. Não era ousado demais da parte de Habacuque falar assim com Deus? Não seria falta de uma espiritualidade saudável questionar Deus?

O conceito de eternidade evocado por Habacuque implica ver Deus como aquele que sabe de tudo, tem poder sobre tudo e pode fazer o que desejar. Mas, mesmo sendo o Senhor o que é, seria exigir muito do profeta a aceitação do plano divino de usar os babilônios como instrumento para punir o povo escolhido de Deus. No entanto, depois de ter ouvido a forte e detalhada descrição do caráter violento, idólatra e destruidor dos babilônios, o profeta entendeu que Deus não almejava exterminar seu povo.

É interessante perceber que Habacuque foi, ao mesmo tempo, ousado e respeitoso com Deus. Será que teríamos coragem de falar assim com o Senhor? Havia um tom de decepção com Deus, mas também de confiança. Habacuque podia falar, e o Senhor não desprezava o profeta nem suas palavras.

Uma das coisas mais difíceis de admitir na vida cristã é que ficamos decepcionados com Deus. Dizer no meio do desespero “Deus é fiel”, sem lidar com a dor, é esconder a raiva e o desapontamento. Mas Habacuque conhecia o Deus fiel e amoroso e, por isso, sentiu-se à vontade para expressar-lhe as

profundezas de suas emoções, sem se preocupar com o fato de sua teologia estar certa ou errada. O profeta sabia que podia se derramar diante do Senhor, sem medo de ser rejeitado.

Uma teologia que não nos liberta para que nos apresentemos diante de Deus como estamos não é saudável. A teologia de Habacuque era pura, sincera, respeitosa e corajosa, simplesmente porque ele sabia que era aceito e amado pelo Senhor, mesmo sem entender os passos de Deus e questionando-os. Essa compreensão é fruto da experiência da graça na vida do profeta. E é o início da caminhada do desespero para a esperança.

No amor de Deus encontramos a liberdade de questioná-lo. A violência existente em Jerusalém fazia Habacuque questionar Deus, especialmente porque um Deus santo não condiz com imoralidade e corrupção. Mas o Senhor é soberano para agir como quer.

O autor de Hebreus nos exorta a aparecer diante de Deus com *confiança*:<sup>5</sup> “Portanto, irmãos, por causa do sangue de Jesus, podemos entrar com toda confiança no lugar santíssimo (Hb 10.19). A palavra *confiança* (*parresia*, em grego) pode ser traduzida como “ousadia”, “coragem”, “liberdade”, “expressão livre do falar”, “destemor”. Podemos ser transparentes perante o Senhor e questioná-lo sobre o que nos angustia. Como Habacuque, podemos ter coragem para perguntar e discordar. Podemos chorar diante de Deus e, sem medo, dizer: “Perdi minha fé em ti”. Nada nos impede de chegar ao Senhor plenamente como estamos, sem protocolo ou rituais. Simplesmente, por causa da fé em Jesus, podemos aparecer diante de Deus e expressar a nossa perplexidade quando não entendemos suas ações em nossa vida.

Um dos traços que mais nos impactam é a graça misericordiosa de Deus conosco quando as emoções estão fora do

lugar. Uma vez no lugar santíssimo, ao contrário de nos sentir reprovados, teremos o medo transformado em esperança por causa do amor incondicional de Deus. Podemos entrar na presença do Senhor e chorar copiosamente, com a confiança de que seremos acolhidos.

Habacuque foi ousado, transparente e, de forma muito vulnerável, reconheceu a santidade de Deus ao usar os babilônios, mesmo sendo difícil entender. Quando no santo dos santos — isto é, na presença íntima de Deus — derramamos os medos, as inquietações, os desapontamentos ou a raiva, as palavras de Paulo se fazem presentes: “Não vivam preocupados com coisa alguma; em vez disso, orem a Deus pedindo aquilo de que precisam e agradecendo-lhe por tudo que ele já fez. Então vocês experimentarão a paz de Deus, que excede todo entendimento e que guardará seu coração e sua mente em Cristo Jesus” (Fp 4.6-7).

### **Santa e eterna é nossa Rocha**

Habacuque questionou Deus, mas em momento algum cogitou afastar-se dele. Isso fica evidente quando ele chama Deus de “meu Santo” (1.12). Diante da violência, da corrupção e da imoralidade do seu povo e ao tomar conhecimento de que o Senhor usaria um povo pior ainda para castigá-lo, Habacuque não perdeu de vista quem Deus é e quais as características de seu caráter.

O caráter de Deus é a base sobre a qual Habacuque se aproxima dele. Por ser santo, Deus não deixaria seu povo ser exterminado, nem falharia nas promessas feitas a Abraão — pois Deus, por ser santo, não pode mentir. É muito especial a expressão de Habacuque, “meu Santo”. A incompreensão dos

processos de Deus não impediu o profeta de continuar olhando para o Senhor com intimidade e confiança, nem gerou em Habacuque desespero incontrolável, a ponto de ele perder a confiança no Pai da nação. Isso é muito evidente porque, antes de se referir a Deus como “meu Santo”, Habacuque o trata de “Senhor”, *Yahveh*, o Deus do pacto com a nação e com Abraão. *Yahveh* é o Senhor de tudo no universo e nada foge de seu controle. Deus é *Yahveh*, mas também é um Deus pessoal, o “meu Santo”. Ele não deixa de ser santo porque usa uma nação reprovável para cumprir seus propósitos. *Yahveh* é o princípio de todas as coisas, o Deus totalmente suficiente, poderoso e conhecedor da situação do povo e do coração do profeta.

Quando nos encontramos em uma situação desesperadora ou nos sentimos impotentes para lidar com determinadas circunstâncias, o que mais precisamos é desse Deus que é Senhor do universo e que continua sendo nosso Deus pessoal. *Acolher-nos em sua presença, mesmo quando estamos revoltados, é graça.* E essa graça vem por meio de Jesus.

O “meu Santo” não precisa que eu o entenda. Não fomos chamados para entender Deus, mas para confiar nele e obedecer-lhe, mesmo em situações incompreensíveis. Ele sempre será santo. O que eu preciso é ser entendido por *Yahveh*. E ele me entende. De fato, preciso crer que *Yahveh* me recebe e atura minhas loucuras, por sua graça. É esse entendimento que fornece a derradeira segurança ao profeta: a situação que ele e o povo enfrentariam poderia ser desastrosa, mas não era final.

*Acolher-nos em sua presença,  
mesmo quando estamos  
revoltados, é graça.*

A essa altura do diálogo de Habacuque com Deus, percebemos mais uma atitude do profeta que nos ensina e serve de farol para os dias de mar agitado ou completo nevoeiro na sala

de espera. Em vez de pensar “não vale a pena continuar pondo o foco em Deus” ou mesmo de cogitar a ideia de repensar sua forma de imaginar o Senhor, Habacuque reconhece sua impotência diante do caos. Ao chamar Deus de “meu Santo”, o profeta estava dizendo: “Tu és santo e eu sou pecador, por isso é melhor confiar em ti do que focar minhas perguntas ou dúvidas”. Se preferirmos descobrir a causa do desespero em vez de pôr o foco no Deus santo que temos — mesmo quando discordamos dele ou achamos que seus caminhos não fazem sentido —, permaneceremos em nosso estado desesperador.

O Deus que Habacuque viu também era superior ao tempo: “tu que és eterno” (1.12). Ao ressaltar isso, o profeta reafirma sua confiança no Senhor: por ser eterno, ele não passa, não deixa de existir e tem o tempo necessário para cumprir suas promessas — pois, para Deus, qualquer tempo é, sempre, hoje.

No momento de desespero, imaginamos que Deus é injusto e demorado. Mas a realidade é que o caráter eterno do Senhor o torna digno de confiança, pois ele tem à disposição o tempo necessário para mostrar quanto é fiel. A demora de Deus em intervir para mudar a atuação do mal pode nos afligir, mas, justamente porque ele é eterno e santo, o Senhor nos socorre no tempo dele e da forma que melhor lhe parecer. É no processo de ajustar nosso tempo ao dele que Deus trabalha nossa ansiedade e quebra a tendência de querermos controlar aquilo que não controlamos.

Habacuque estava descobrindo mais sobre a santidade e a forma de Deus agir no tempo dele. O profeta podia estar angustiado e desesperado, mas estava no caminho certo, pois, ao ver problemas, o que ele fez foi correr para Deus. Ele poderia ter resistido aos planos do Senhor e fugido, como Jonas fizera (Jn 1—4), mas não. Violência, corrupção e uma resposta difícil

à sua oração não fizeram o profeta mudar sua cosmovisão teológica e prática. Ele podia não entender o processo de Deus em sua vida, mas sabia que era possível correr para ele, por causa do caráter fiel, santo e eterno do Altíssimo. Por isso, ele chama Deus de “nossa Rocha” (Hc 1.12).<sup>6</sup>

Em situações de pressão e desespero em salas de espera, carecemos de um porto seguro, de uma Rocha. Os babilônios eram uma ameaça para o profeta e o povo, e representavam guerra, perdas, sofrimento e destruição. Habacuque questionava Deus por isso, mas estava certo de que ele era seu porto seguro. Conhecedor da Lei, parece que Habacuque lembrou as palavras de Moisés: “Ele é a Rocha, e suas obras são perfeitas; tudo que ele faz é certo. É um Deus fiel, que nunca erra, é justo e verdadeiro” (Dt 32.4). Ao chamar Deus de “nossa Rocha”, o profeta reconhece que Deus é justo e verdadeiro, mesmo quando julga a nação de Israel lançando mão da Babilônia. E essas características divinas geram estabilidade em tempos de insegurança e confusão.

A essa altura de seu diálogo com Deus, Habacuque parece aceitar e compreender que a ação daqueles inimigos é fruto da disciplina de Deus. Não uma disciplina meramente punitiva, mas redentora.

Toques da graça são liberados em momentos de solidão nas salas de espera. Por isso, ganhamos muito mais atentando para eles do que fitando com impaciência o relógio, que apenas registra a falsa demora do Senhor em responder nossas orações. Com certeza, um dos grandes toques da graça de Deus é levar-nos a descobrir mais a respeito dele, de seu caráter e seu amor redentor por nós.

Toques da graça são liberados em momentos de solidão nas salas de espera.

Ao chamar Deus de “meu santo” e “nossa Rocha”, Habacuque registra a profunda revelação do Senhor para ele. Era como se, ao inspirar seu profeta a escrever naquele momento, Deus estivesse lhe dizendo: “Há uma pergunta que você não fez!”. As perguntas que fazemos na hora do aperto revelam muito do que existe em nosso coração. Se perguntamos “Até quando, Senhor?” ou “por que o Senhor me deixa passar por tudo isso?”, fica claro que nosso coração está centrado em nós mesmos e não no caráter de Deus. Portanto, para abandonar o desejo de ser o centro das atenções e pôr o foco em Deus, é preciso fazer a pergunta crucial: “O que o Senhor quer me revelar a seu respeito?”. Esse tipo de questionamento nunca surgirá à beira de uma piscina, quando estamos relaxados, pois é no âmago da dor e do questionamento que Deus nos chama para ouvi-lo. Ele quer que descubramos que, no meio do desespero, o que mais precisamos não é necessariamente receber alívio para o medo ou solução para o problema, mas, sim, descobrir o Deus santo que é nossa Rocha. Afinal, é sua presença que nos concede estabilidade para sobreviver nas salas de espera da vida, sem nos desesperar.

Foi esse traço do caráter de Deus que fez o salmista Davi dizer: “Em silêncio diante de Deus, minha alma espera, pois dele vem minha vitória. Somente ele é minha rocha e minha salvação, minha fortaleza onde jamais serei abalado” (Sl 62.1-2). O mesmo Davi escreveu, em outra oportunidade: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? Por que estás tão distante de meus gemidos por socorro?” (Sl 22.1). Podemos falar com Deus como estamos, sem ser rejeitados pela fragilidade que apresentamos no momento. Louvado seja Deus, que nem sempre nos responde quando queremos e como queremos! Quando ele nos nega as respostas desejadas, da maneira

desejada, ele nos dá aquilo que não sabíamos pedir, mas que nos saciará a alma.

Será que somente nós temos momentos de questionamentos, de desespero ou de percepções erradas a respeito de como Deus age e atua em nossa vida e no mundo? E, quando estamos assim, como devemos agir?

### Jesus, Habacuque e nós

Nas salas de espera, sofremos de impotência e abandono. A solidão se torna nossa companheira. É nessas circunstâncias que descobrimos que, apesar de tudo, vivemos um momento importante, profundo e singular, em que podemos estar a sós com Cristo.

Foi em meio à dor da separação daquele que o enviara à terra, na cruz do Calvário, que Jesus se dirigiu ao Pai e, citando o salmo 22, disse: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mt 27.46). Jesus não negou suas emoções enquanto a angústia dilacerava todo o seu ser. Mas esse era o caminho que ele havia escolhido. E é justamente por ter morrido na cruz e experimentado a angústia da solidão que Jesus nos entende. Nosso Salvador é capaz de nos socorrer em meio ao desespero e à solidão, e precisamos lembrar disso. Correr para Jesus na hora da angústia, poder falar com o Pai sobre o que se passa no coração e questioná-lo livremente sem sofrer rejeição é fruto da graça. A graça que nos foi dada por meio de Jesus.

Pedro e Dora continuavam na sala de espera. O médico finalmente apareceu. Os olhos do casal brilharam de esperança, mas ele disse: “Sinto muito, seu filho teve um problema neurológico a que precisamos dar mais atenção e talvez removê-lo para outro hospital. Vão para casa e, assim que tivermos

melhores notícias, telefonaremos para vocês. Por enquanto, esperem". Aquele casal percebeu, então, que a sala de espera ainda os acompanharia por algum tempo.

Nossa confiança em Jesus nos momentos de desespero se baseia naquilo que ele é, fez e faz por nós.

Visto, portanto, que temos um grande Sumo Sacerdote que entrou no céu, Jesus, o Filho de Deus, apeguemo-nos firmemente àquilo em que cremos. Nosso Sumo Sacerdote entende nossas fraquezas, pois enfrentou as mesmas tentações que nós, mas nunca pecou. Assim, aproximemo-nos com toda confiança do trono da graça, onde receberemos misericórdia e encontraremos graça para nos ajudar quando for preciso.

Hebreus 4.14-16

Não merecemos esse acesso a Deus, porque somos pecadores. Mas Jesus subiu à cruz não somente para perdoar nossos pecados, mas também para abrir o caminho a fim de chegarmos a Deus nos tempos de alma dilacerada. Não temos como sobreviver sem essa graça.

Habacuque não usou a linguagem de Hebreus 4.14-16, mas pôs em prática seu ensinamento: aproximou-se com confiança do trono da graça. O profeta viu a situação caótica do seu povo e não fugiu da situação, em vez disso admitiu as emoções, a angústia, a dor que vivenciava. Ele foi além: questionou Deus, orou, abriu o coração. Nesse processo, em vez de receber a resposta que esperava, ouviu que a situação do seu povo pioraria. E o que ele fez? Continuou perante Deus e, assim, descobriu um Deus que é santo, acolhedor e amoroso, e que gera estabilidade e segurança. *Para manter o equilíbrio emocional e racional na sala de espera, precisamos permanecer perante Deus, dizendo-lhe o que precisamos dizer.*

Por causa de Jesus, podemos ter a mesma experiência e abrir o coração para um Deus que nos acolhe mesmo quando expressamos nossas loucuras, oriundas de uma percepção errada a respeito dele. Assim, parafraseando uma expressão de John Piper, não podemos desperdiçar nossas dores,<sup>7</sup> pois, no meio delas, descobrimos que Deus nos leva do desespero à esperança. Habacuque se sentiu abandonado, mas, em vez de nutrir o sentimento de abandono, correu para o Deus que é a Rocha. Em vez de se concentrar nas perguntas sem respostas, expressou seus sentimentos, focando-se o Deus santo que não mente.

*Para manter o equilíbrio emocional e racional na sala de espera, precisamos permanecer perante Deus, dizendo-lhe o que precisamos dizer.*

Precisamos lembrar que o Deus que nos enviou seu Filho para morrer por nós quando merecíamos punição eterna está sempre agindo para fazer algo especial em nossa vida, mesmo quando não compreendemos suas ações. Não fomos chamados para entender tudo o que Deus faz, mas para conhecê-lo, amá-lo e obedecer-lhe.

Esperar uma palavra do médico quando minha esposa estava no trabalho de parto foi uma experiência crucial. Meu filho sobreviveria? Teca sobreviveria? Vi a enfermeira passar com um bebê e pensei: “Será que é meu filho?”. Algum tempo depois, o neonatologista me chamou e disse: “Seu filho não sobreviverá. Você pode ver a enfermeira cuidar dele pelo vidro da sala da UTI, mas provavelmente ele não resistirá”. Eu estava numa longa e delicada estada numa sala de espera da qual não sabia como sair. Eu tinha muitas perguntas, mas também tinha um Deus que, além de tolerar pacientemente

minhas perguntas, estava fazendo uma obra maravilhosa em minha vida e na da minha família.

É nessa hora que descobrimos o Deus que nos leva do desespero à esperança, caminhando passo a passo conosco nessa longa jornada. Como compreender esse Deus, que, sendo amoroso, poderoso e nossa Rocha, age como age? Como conviver com o Deus que é soberano, de cujo controle nada foge e cujos planos muitas vezes incluem nos deixar numa sala de espera? É o que veremos no próximo capítulo.